

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Me falaram de que qualquer coisa que acontecesse com a minha família eles iam responsabilizar o Francelino Pereira, porque na verdade ele é o governador, ele tinha que pelo menos ter uma postura de tomar qualquer decisão, de proteger, tal. Então isso foi falado em praça pública lá e tal. Mas, logo em seguida, já não teve isso mais com elas. Para mim, foi só mesmo ameaça mesmo, mas é uma forma de você ser constrangido, uma forma de você ficar receoso, ainda mais quando você fala em família, né, e a gente sabe que isso já aconteceu algumas vezes, então eu fiquei realmente preocupado, mas depois acabou, e também não foi por essa razão que eu recuei ou que eu deixei de fazer alguma coisa, não, eu continuei fazendo o meu trabalho.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Só ficou mais alerta, não é?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É, mais alerta.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor continuou em Montes Claros?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Naquela época?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: É.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Eu continuei em Montes Claros até... Isso foi em 1980, 81 parece, que teve essa situação, aí 82 eu fui candidato, continuei em Montes Claros. Após a eleição eu continuei, mas depois o Ronan Tito me convidou para vir para compor assessoria sindical.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: E aí o pessoal achou bom, porque eu tinha mais assim uma forma de a gente denunciar mais essa situação, né.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Influenciar, né, no Estado.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E qual era o objetivo que o Ronan Tito, havia essa assessoria sindical antes?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Havia, só que ela estava praticamente desativada, porque os governos anteriores não tinham interesse de continuar fazendo com que ela tivesse qualquer empenho com relação ao sindicato, ajudar o sindicato. Ela tinha objetivo de orientar os dirigentes sindicais, principalmente na zona rural, como que montava um sindicato, como é que fazia o estatuto, como é que organizava a diretoria, e tal, essa situação toda. Eles ficavam nisso. Mas como isso os trabalhadores urbanos não tinham muito interesse, porque na verdade eles não tinham, assim, nem mesmo vontade de aproximar com o Governo Francelino Pereira, aquela coisa toda, e ficou um negócio meio assim parado. E assim que o Tancredo Neves assumiu o

Governo, o Ronan Tito foi ser Secretário do Trabalho, aí ele achou por bem reativar essa assessoria. E criou nela, que não tinha, esse setor urbano.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Só tinha o rural até então?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Não, desculpa, é o contrário.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, só tinha o urbano?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Só tinha o urbano, as questões do campo não tinham, e o Ronan achava que, até pelo fato de que ele tinha conhecimento das questões de violência no Norte, e tal, e que seria bom, seria um instrumento a mais para denunciar, para encaminhar. E assim eles me convidaram: “Olha, você é uma pessoa que conhece a situação toda e tal, você podia vir compor a diretoria aqui”. E eu fui e enquanto o Ronan estava lá foi um trabalho bom, a gente tinha liberdade para fazer, tal. A gente trouxe, por exemplo, os posseiros de Cachoeirinha para conversar com o Ronan e para ver a questão do Decreto do Governador que resolveu comprar parte das terras lá. Então, os posseiros pediram para o Ronan interviesse e agilizasse a situação, e foi o que aconteceu. O Ronan era muito amigo do diretor da Rural Minas. Rural Minas é que era o órgão competente para inclusive emitir títulos de posse lá de, aliás, de propriedade.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nessa época era Moacir Lopes ainda?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Moacir Lopes?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Como diretor da Rural Minas ou não?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Não, não era o Moacir Lopes, não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ou já era o Jafete Abrahão?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Pois é, eu acho que era... Eu não sei se era o Jafete. Eu não sei. Eu tenho dúvida, porque... Eu sei que o Moacir Lopes não era.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Porque teve uma CPI da Rural Minas, não é?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Aí que saiu. Aí o Jafete Abrahão entrou.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Então, parece que foi durante a gestão dele mesmo, do Jafete, foi mesmo. Agora, me lembro, o Jafete era muito amigo do Ronan Tito, então as coisas ficaram mais fáceis. Inclusive na época a gente precisava às vezes, por exemplo, ir para algum local e o Jafete colocava o avião da Rural Minas a disposição da gente, aquela coisa toda. Então a relação Secretaria do Trabalho e Rural Minas foi muito bom enquanto o Ronan estava lá, depois que o Ronan saiu aí o negócio ficou ruim e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então antes o Estado não tinha nenhuma orientação voltada para o Sindicato Rural, só urbano?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Não tinha, não tinha. Jamais eles iam imaginar de que essa relação com o meio rural, isso para eles passava longe, né. E aí, e foi uma situação muito boa, porque foi a assessoria sindical, ela foi bem vista pela Fetaemg, os trabalhadores rurais, e tal, porque a gente ia, trazia as questões que iam acontecendo, encaminhava a quem de direito. Foi bom, durou pouco, mas foi bom.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então foi muito influenciado pela sua atuação também.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Exato, eu acho até que foi. Foi assim, quando o Ronan me convidou é porque ele sabia dessa relação que eu tinha com os trabalhadores, então ele achou de que seria até uma forma de facilitar para os trabalhadores descobrirem a Secretaria do Trabalho. Até então era um órgão basicamente urbano e de repente virou essa coisa, assim, que os trabalhadores descobriram e eles tinham realmente um espaço enorme lá dentro. Eles iam, denunciavam, ficavam e às vezes tinha coisa que tinha que encaminhar para outro lugar, alguém acompanhava e tal. Foi bom. Pena que depois, com a saída do Ronan aí, ficou um bocado difícil, eu saí depois também.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor saiu?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É. Aí eu resolvi ir lá para Uberlândia, né, e fiquei lá, trabalhando em Uberlândia, e o governador também saiu depois e aí ficou o vice-governador que é o Hélio Garcia e aí que o negócio ficou ruim, ficou pior ainda.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eu vou apontar alguns pontos que o senhor levantou na entrevista anterior, que eu acho que a gente poderia aprofundar, e outro também, que é o caso de Cachoeirinhas. Eu gostaria que o senhor relatasse a participação, o que o senhor soube. Porque o senhor também mencionou a questão da utilização da grilagem por empresas junto aos cartórios para captar recursos do Estado.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Certo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tem algo que você gostaria de detalhar mais sobre isso ou seria o intuito dessa empresa, alguma empresa específica...

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É, por exemplo, órgão como a Codevasp, que limitou mais uma atividade em Janaúba, ali às margens do Rio Urutuba, do Bico da Pedra, o pessoal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Projeto da Urutuba?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: E era o projeto de tornar a fazer um projeto piloto, mas para isso ele tinha que desapropriar algumas famílias. E gozado que aquilo lá não era, por exemplo,

posseiro. Tinha posseiro, mas tinha proprietário. Então, a Codevasp tinha que desapropriar, tinha que pagar a tal. E as famílias, muitas delas falaram: “Não, a gente não quer sair daqui”. Aí vem aquela conversa: “Não, mas esse projeto é importante, que vocês vão ter uma estrutura que vai dar condição para produzir melhor”, então aquela conversa toda. Mas houve resistência, algumas pessoas ficaram e foi aonde que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Janaúba foi criado, bem em cima dessa questão, que era uma situação muito violenta, porque a Codevasp tinha um poder enorme, ela atuava não só no Norte de Minas, mas no Nordeste, ela tinha projetos enormes no Nordeste. E com a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais lá de Janaúba deu uma freada, né, a Codevasp, ela só implantou projeto onde ela já tinha negociado, tinha feito alguma coisa. O projeto que era maior ficou por parte do projeto. E também, pelo fato de Janaúba ser muito próximo de Cachoeirinhas, entendeu de que o Sindicato de Janaúba poderia dar um suporte também importante lá em Cachoeirinhas. Porque o Sindicato de Varzelândia, que hoje é Verdelândia, parece, não é?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Não tinha sindicato lá. Depois a gente foi lá e discutiu e tal, e o sindicato foi criado. Mas, basicamente, essa questão lá de Janaúba foi... Além dessa questão do Bico da Pedra, da Codevasp, também tinha outras questões de pequenos proprietários, de trabalhador assalariado, tinha problema de não cumprimento dos direitos trabalhistas. E a história do movimento sindical lá no Norte de Minas, talvez o que ocorreu e que foi bom, que o sindicato praticamente, eles nasceram de uma luta. Então o sindicato, quase todo foi um sindicato autêntico mesmo, combatível, entendeu? Por quê? Porque o pessoal sabia de que a necessidade de criar o sindicato era para encampar essa luta do pessoal, ajudar, organizar, tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eles viram como a única forma de enfrentar uma situação.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É, então se você pegar, assim, antigamente “ah, sindicato pelego” é o sindicato que não participa de ato, não tinha. O único sindicato que a gente... Até não é uma questão de questionar, não, era de Montes Claros. Porque Montes Claros, ele foi fundado em cima da questão assistencialista, para dar assistência médica para os servidores, tal, e tanto é que quando eu fui para lá, tinha um médico lá, por sinal a gente tinha uma boa relação, e eu não vi assim, por exemplo, a questão do médico que queria atrapalhar o sindicato, atrapalhar a luta do pessoal, entendeu? A gente falava assim: “Olha, o médico está aqui é para ajudar um pouquinho, para poder, essa de assistência médica atender algumas coisas e tal, mas, na verdade, o importante é vocês terem consciência da luta de vocês e questão jurídica que vai encaminhar essas questões...”

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A gente tem vários relatos, bibliografia que trata da questão de sindicatos, seja pelegos, outra perspectiva mais para esse lado, justificando a questão porque tinha esse aspecto assistencial antes da década de 80.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso a gente via esses relatos, qual a sua perspectivas?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Principalmente no Governo do Médici, ele, através do Ministério do Trabalho, ele incentivou e até contribuiu com alguns recursos junto ao Funrural para repassar o recurso para o sindicato, para o sindicato contratar médicos. Então, por exemplo, eu lembro. Lá no Norte, não, mas eu lembro que o Sindicato do Triângulo Mineiro, grande parte dos sindicatos de lá tinha médico, e que os sindicatos recebiam, eu não sei como, algum recurso passado pelo Ministério Público do Trabalho para ajudar a pagar o salário do médico. Isso aí era para camuflar, entendeu, a luta do pessoal, porque aí era assim: “não, o sindicato é bom porque a gente precisa de um médico tem lá”. Em outras coisas não pensavam em fazer, entendeu? E por outro lado, o dirigente, o presidente, o diretor, achavam isso ótimo, porque aumentava a contribuição do associado, aumentava a associação, aumentava os sócios do sindicato, porque ele sabia que ali tinha um médico para atender e tal. E eu lembro que eu cheguei no sindicato lá em Piaçu, Capinópolis, essa cidade, não. Entrando na sala tinha uma fotografia enorme do Presidente Médici, enorme mesmo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Do Presidente Médici.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É, eu falei: “Olha, eu, se eu tivesse muito liberdade com você, eu ia pedir a você para tirar esse cartaz e queimar e jogar fora”. Mas: “não, não tem nada a ver não, o Governo está ajudando a gente e tal”. Eu falei: “Pois é, e como é que está a questão aí?” Porque o pessoal lá basicamente lá era assalariado. “Como é que está a questão dos empregados? Como é que está pagando o salário, está pagando direito? E tal.”, “Não, não está tendo reclamação, não”. Eu falei: “Pois é, não tem reclamação porque eles acham que o sindicato é um mini hospital, eles não vê aqui, o sindicato aqui como um instrumento de luta, de melhorar a condição de vida”. Porque se o sindicato preocupasse com a questão de obrigações trabalhistas, pagando salário propriamente, é provável que o trabalhador não ia precisar do médico daqui. Então essa situação... Mas, por outro lado, eu acho que era um processo meio complicado, não dá para chegar e xingar o cara de pelego. Então não dava, eu nunca fiz isso. Vamos discutir, vamos ver e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Até porque eles não tinham serviços antes.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Exatamente. E é um negócio assim, é um negócio histórico, há muito tempo que era aquilo que eles achavam. Eles achavam que era importante.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então, havia um objetivo de descaracterizar a luta política, esvaziar a luta política e ocupar o sindicato com esse aspecto de serviços?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Essa percepção dos trabalhadores que é uma forma de associação, mas para prover serviços a eles e não à questão política?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Ah, não, isso é... Às vezes teve algum sindicato de que depois de algumas discussão no trabalho, aí a diretoria mudou... Aí uma nova diretoria, aí o pessoal começou a questionar se realmente era papel de prestar esse tipo de assistência.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Mas isso aí foi alguns poucos sindicatos ou sei lá quantos sindicatos. Mas a maioria continuou com a política de assistencialismo mesmo, entendeu? E aí eu até falava: “O dia que vocês não tiverem mais condições de manter o médico aqui, o sindicato fecha as portas, porque o associado, ele não vai vir aqui mais”. Mas essa história, ela aconteceu ao longo dessa história desse país, né. Em 1964, antes, era muito sindicatos que tinha esse papel de assistencialismo, então os sindicatos urbanos mesmo. Eu lembro, por exemplo, do Sindicato da Construção Civil de Uberlândia, que eu também advoguei lá uns tempos, tinha essa situação. A gente falava para eles, mas: “não, mas o pessoal trabalha nessa área, o pessoal precisa de ser atendido rapidamente aqui dentro, ele não pode ficar perdendo tempo em posto de saúde” e tal, essa coisa toda. Então justificava assim. Então é uma história que vem de muito tempo, e a gente não teve essa mesma situação lá no Norte de Minas, porque a gente já, o sindicato já nasceu em cima de uma luta mesmo. O pessoal não estava preocupado com negócio de assistência médica, não, o pessoal estava preocupado em preservar, por exemplo, a terra dele, entendeu? É isso que eles estavam imaginando.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E sobre Cachoeirinhas, o que o senhor poderia colocar?

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Pois é...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Como foi a sua atuação, que você ouviu...

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Quantas horas hein?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eu estou de ônibus. São 10h30min.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: 10h30min?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Pois é, eu vou ter que subir... É 10h30min...



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Era em voo ou... Não, o voo é para 11h00min, está certinho.

AFRANIO OLIVEIRA E SILVA: Pois é, mas é 10h20min pedido para embarque, né.